

**O TEU  
SILÊNCIO  
GRITOU**

*antologia de poesia*

**Mauricio Duarte**

# O TEU SILÊNCIO GRITOU

*antologia*

*de poesia*

Copyright 2013. Mauricio Antonio Veloso Duarte

Todos os direitos reservados.

Você não pode copiar, exibir, distribuir,  
executar, criar obras derivadas nem fazer uso  
comercial desta obra sem a devida permissão do autor.

Design de capa, página e diagramação:

*Mauricio Duarte*

**Agradecimentos:**

*Agradeço a Deus, meu Pai celeste.*

## Sumário

Descobrimo o místico _____	5
Descobrimo o inusitado _____	22
Descobrimo o infinito _____	42

## **Descobrimo o místico**

## **A dúvida e a fé**

Fruto de um grande turbilhão de incertezas  
a minha mente se engalfinha em pensamentos.  
Presa em questões imorredouras,  
ela atravessa mares de julgamentos  
e cai em prantos de medos.  
Sem esperanças.

Faço minhas orações,  
mas a semente da dúvida  
já fez morada em meu coração.  
Nunca mais serei o mesmo.  
A menor dúvida já põe em risco  
a raiz da confiança

Tenho então que parar e recomeçar  
Tenho então que fazer o luar  
chegar até a minha desconfiança  
para abrir minha alma,  
levar luz  
e trazer redenção.

## **Morte e renascimento**

Uma grande festa eu vou dar  
no dia em que você morrer em mim.

Alegria, celebração, júbilo,  
tudo de bom quando você morrer.

Quando você for definitivamente em mim  
estarei em regozijo.

Saudações ao fenecer  
De um arcaico estado de ser

Saudações ao descanso eterno  
da minha antiga presença

Saudações à sua morte,  
você, meu velho eu.

Saudações ao amanhecer  
de uma grande libertação.

Saudações ao renascer  
de uma recente vinda.

Renascimento de um homem  
em estado de pureza, graça e vida.

Em harmonia com o meu novo eu,  
em harmonia com o todo.

## **O teu silêncio gritou**

Vozes estridentes me acordam à noite.

Num sobressalto eu levanto

e não consigo localizar

o que seria,

quem seria.

Procuro em vão,

nada encontro.

Algo que me indique quem gritou?

A consciência vem ao meu auxílio.

Diz ela: só podem ser as vozes

do teu silêncio

quando da grande explosão

de esperança, amor e arte da vida

O teu silêncio gritou.

## **Celebração**

Pelas asas da alegria,  
encontro minha bênção.

Pelas pernas da juventude,  
encontro minha vontade

Pelos braços da simpatia,  
encontro meu fazer

Estou em cima do poema.

Olhando para a poesia assim,  
vejo que é toda feita para mim.

E eu que choro quando me emociono,  
não tenho mais lágrimas.

Elas ficaram todas pelo caminho.

Agora sinto o amor da verdade.

Faço minha a fé e a esperança.

Teço com minha teia própria vinda  
das entranhas de aranha redimida  
a minha realidade experimentada,  
o meu caminhar renovado.

## **Perguntas a Deus**

Sr. Deus, por obséquio,  
queira responder:  
Diante de tanta miséria,  
diante de tanta desesperança,  
diante de tanta violência,  
se tivesse que fazer tudo de novo,  
faria tudo de novo?

Caro amigo,  
Em resposta à sua pergunta,  
se eu, Deus, em minha grandeza  
tivesse que refazer tudo,  
só modificaria uma coisa:  
Eu não deixaria que o homem  
inventasse a espera num futuro.  
É no aguardar de um amanhã  
que o homem se perde.  
Gostaria que ele vivesse no presente

Sr. Deus, sou demasiadamente  
humano para viver só no presente.  
queira responder só a mais  
uma pergunta:

Quando é que seremos suficientemente  
maduros para viver  
um dia de cada vez?

Caro amigo,

Em resposta à sua pergunta:

Isso só acontecerá  
quando a voz dos puros  
se fizer falar por toda a Terra.

Daí será o dia quando  
você e eu saberemos tudo  
só de olharmos um para o outro  
e você não precisará fazer  
mais perguntas a mim.

## **Consciência**

Viver no aqui e no agora  
a partir de uma transformação,  
uma nova dimensão se descortina.

Viver assim desde que estar desperto  
é lembrar de estar consciente.  
Foi ontem ou foi há dois segundos atrás?

Doce sabor de uma aveludada forma.  
mover-se graciosamente  
o tempo inteiro.

É morrer para o ontem e para o amanhã  
É viver só o hoje.  
Trazendo paz e serenidade para todo o mundo.

## **A estrela da alma alquebrada**

A estrela da alma alquebrada  
não pode brilhar.  
Ela teve sua alma machucada  
pelo mesmo poeta  
que agora escreve esse poema  
e está de luto desde então.  
Ele é um poeta bom, só que se esqueceu dela.

A estrela da alma alquebrada  
não pode brilhar  
no reino dos sonhos encantados  
porque seu bem-querer se perdeu  
no mundo dos sonhos esquecidos.  
Só quando se encontrarem de novo,  
ela poderá brilhar novamente.

Quem é esse namorado?  
É o poeta como bem sabemos.  
Mas o amor da estrela da alma alquebrada  
é também o coração de todo aquele que  
não esquece dos seus sonhos  
e os deixa livres para singrarem  
os mares da aventura.

## **Louvor à vida**

Estive contando conchinhas na praia,  
andei contando estrelas no céu à noite.

Meus sonhos estiveram com  
essas conchinhas e essas estrelas.

Percebi que a medida que eu me distanciava deles  
mais conchinhas e estrelas eu encontrava.

Como se para cada sonho esquecido  
mil conchinhas e mil estrelinhas aparecessem.

No final, conclui que  
quando deixamos de lado um sonho  
tendemos a querer encontrá-lo  
no rosto da natureza.

Temendo não ter feito jus  
à vida que ganhamos de Deus.

Obra maravilhosa:  
damos graças mesmo sem querer.

## **Desejo ardente por um nada**

Tenho uma fome inquebrantável.

Tenho uma sede incomensurável.

Sede de qualquer coisa que me faça ver.

Fome de um não sei quê de espera e desesperança.

Sede que me conduz aos cadernos  
de anotações burlescas  
e que entre bocejos e gracejos  
me faz ir de encontro ao que não era,  
porque já adiante de mim  
se fazia presente o presente dos deuses:  
a caixa de pandora.

Fome que se forma de forma  
a me tirar o eixo de compreensão,  
que me incita a morrer e renascer,  
incontáveis vidas de uma reencarnação  
que me faça rir e gargalhar  
do que eu pude realizar:  
nada, enfim...

Tenho uma fome inenarrável.

Tenho uma sede indiscutível.

Por lamentos de prostitutas doentes,  
por olhares de despedida que não foram lançados  
Tenho fome, ai meu Deus,  
da minha alma de andarilho trôpego.  
Tenho sede  
de mim mesmo.

Uma fome que me devora o coração  
a esgotar todas as minhas decepções  
em retalhos de jornal,  
que despedaçam a minha ídole.  
Uma sede que me aprisiona  
numa espiral de medo, confusão e dor  
e que me deixa rouco de ódio.

A sede e a fome que me acometem  
são a origem de todo  
o meu nada.  
São a morte e a vida desse viajante errante.

## **Descobertas femininas sem palavras**

Eis que a palavra se escondeu

e não era mais palavra.

Era silêncio.

Não um silêncio bom, calmo,  
mas sim um silêncio sepulcral.

Um silêncio de morte  
que fazia doer a cabeça da gente  
(e como doía)

Era estertor do que já estava por acabar.

Era o silêncio do calar dos direitos.

Era o silêncio que calava o protesto digno.

Era o silêncio da minha tragédia.

Tragédia de pão e água,  
de soluçar e choro convulsivo...

Não era silêncio, agora tenho para comigo.  
(sabia o que era)

Uma lamentação sem ruído.

Um ódio desfigurado de dor.

Uma miserabilidade de morte.

Qualquer coisa menos silêncio.

Não maculemos essa palavra com tamanho sofrimento.

Palavra?

Não havia nenhuma...

Estava eu só, acompanhado da minha solidão.

O gigolô da minha parte mulher,  
o cafetão da minha alma feminina  
estava só.

E era eu mesmo  
que desnudado trazia  
um gosto azedo.

Trazia o nonsense de ser da palavra mesmo.

O sentido que se perdeu...

## **Em mundos alternativos**

Em mundos alternativos eu seria monge,  
seria um retirado do mundo,  
minha alma seria devotada a Deus,  
teria sábios conselhos para dar  
e faria sermões muito eloqüentes.

Em mundos alternativos eu seria um burro,  
carregaria peso pelas estradas  
movido pelo meu dono  
e não reclamaria dos açoites,  
saciando-me quando fosse hora de beber água.

Em mundos alternativos eu nem teria nascido,  
seria poeira cósmica a vagar pelo espaço sideral,  
estaria ainda no âmago do ser infinito espiritual,  
permaneceria no silêncio das potencialidades,  
não existiria enfim.

Em mundos alternativos  
a vida seria outra  
porque infinitas são as possibilidades.  
Assim como o número de universos  
na mente do homem.

## **Névoa**

Decerto você pensou que eu estaria em dissonância  
com o ritmo lento da passagem do nevoeiro.

Certamente você pensou que eu seria um roqueiro

Não, não sou.

Sou demorado, vagaroso como a bruma, como um blues man

De valor, não sei se tenho muito.

Tenho sim, uma vontade inquebrantável de sorrir

para quem anda depressa,

para que veja o quanto está perdendo

do ritmo lento da cerração...

## **Descobrimo o inusitado**

## **Domingo**

Doce e assaz candente é o domingo.

A manhã passa ao largo,

a tarde resvala na noite

sua esperança de vida.

O dia de sol em expansão

Almoço... uma festa...

Lanche da tarde...

hummm... maravilha de torta

Lembranças da infância...

Lembranças do que passou...

Domingo de dança, cor e alma

no meu coração de menino crescido

## **Interlúdio**

As dobras do meu casaco se mesclam  
às dobras da tua blusa de frio.

Na minha história toda minha alma  
veio trazer redenção.

Se eu tinha alguma intenção de esquecer-te,  
ela se desvaneceu com sua vinda.

Terminei meu café e fui logo.  
Não queria te deixar esperando

Encontramo-nos como não poderia deixar de ser  
naquele agosto friorento.

Eu de casaco,  
você de blusa de frio.

## **O fim do justo**

Chega o padre para dar a extrema-unção.

Os familiares se aglomeram na saída do hospital.

Torne a sua partida uma alegria para si  
e uma tristeza para todos em volta.

Assim foi para o homem,

assim foi para todos

Comoção geral, ele quer falar.

Suas últimas palavras:

morro sabendo quem sou,

quem fui e quem vou vir a ser.

Morro sabendo de tudo isso...

Todos choram.

No leito de hospital morreu um justo.

## **Sou um poeta**

Acho graça dos pingos de chuva  
e danço quando está chovendo.

Explico-me: sou um poeta.

Traço planos e estratégias  
e as abandono para seguir no improviso.

Explico-me: sou um poeta.

Dou risada da vida  
e acho que morrer pode ser bom.

Explico-me: sou um poeta.

Padeço da velha dor dos boêmios;  
a concretude da existência me esmaga

Explico-me: sou um poeta.

Tropeço e caio no meu caminhar,  
levanto-me só para cair de novo.

Explico-me: sou um poeta.

Persigo o sublime  
mas vou ao encontro da realidade.

Explico-me: sou um poeta.

## **Libertino de mim mesmo**

Devassos das minhas desventuras,  
os egos da minha alma vão me torturando.  
Esqueço de comer e vou assistir TV.  
Pesquisei há que horas me enfado  
desse veículo de massa, massa amorfa.

Não tenho mais dúvida,  
amanhã é o dia do ímpio.  
Estarei relacionado entre os convivas  
do enterro da minha pertinácia?  
Ontem ela morreu depois de longo agonizar.

Agarro-me às circunstâncias  
do momento para não fazer nada  
a respeito da minha consciência.  
E há o que fazer?  
Sozinho prossigo, dissoluto.

Compreendo o mal das carnes  
que latejam em consonância  
com o espírito: a minha libido.  
Já vai longe o viajante libertino,  
Seguiu caminho, partiu.

## **Venda-se**

Venda-se tudo.

Venda-se as orações. ( prá que ter fé?)

Venda-se a ética. ( se não vale nada mesmo)

Venda-se o caráter. (desse não se tem notícia)

Dele não se salva nem o chapéu.

Venda-se a cabeça. ( a primeira a ser vendida)

Venda-se a percepção. ( tão mimosamente)

Venda-se o coração. (aí não falta mais nada)

Vendemos o homem inteiro.

Venda-se tudo.

Só peço, encarecidamente, que não venda  
o seu sonho.

Mas esse não carece de vender.

O homem deixou pelo caminho.

## **O avesso do avesso**

Dão-me trocentos formulários para preencher,  
eu não faço uma pergunta sequer...  
Não me interessa por formalidades.

Tem me feito mal idolatrar  
essa cultura pós-tudo.  
Do punk ao aristocrático,  
não existe mais o sublime.  
Só dejetos de singularidade pré-moldados.

Às 17 horas tem jogo do campeonato,  
mas cuida para não perder o capítulo da novela.  
O filme é o mais novo da série.  
O carro é último tipo.  
Não esqueça de levar o smartphone.

Somos todos podridão de números estatísticos.  
Se perder sua idiosincrasia nesse mar de homens-caixa  
não perde grande coisa...

## **Aprendizagem**

Comi a montanha  
do ceifar dos trigais do campo.

Bebi o mar  
da desconstrução das imagens.

Sorvi o ciclone  
da desopilação da mente.

O resto é vertigem...

## **Solidão do espelho**

Bafejei no espelho  
para limpá-lo.  
Enquanto limpava a bafagem com um pano,  
no vidro do espelho,

Vi deuses do Olimpo carregados por nuvens,  
vi anjos esvoaçando ao céu,  
vi demônios de dois chifres espetados,  
vi bauteau muches, vi Titanics.

Vi o enorme clamor da minha alma  
por um céu que não existe mais.  
Vi o silêncio do amor perdido  
que estava comigo até agora a pouco.  
Vi o afago de carinho  
que eu não tenho.

Vi carros,  
vi condutores de carros,  
vi letras mortas de antigos manuscritos,  
vi navalhas cortando carnes, vi as carnes.

Vi a morte da minha esperança  
que foi e que não é mais.  
Vi a calma falsa de como eu  
faço a barba.  
Vi canalhice de todos os políticos  
no jornal diário.

Quando finalmente acabei de limpar,  
no vidro do espelho,  
olhei e não era eu refletido.  
Era um resto de coração solitário  
que se arrasta pelas crateras da lua.  
Sozinho...

## **Borboleta vaidosa**

Uma borboleta não tem vaidades  
e é bonita e maravilhosa ao mesmo tempo.

Se eu assim fosse uma borboleta,  
estaria como que extasiada  
com minha natureza de borboleta  
que não teria tempo para vaidades.

A não ser que eu fosse aquela borboleta,  
aquela que pousa febril no galho da planta  
e vem dizer aos que passam:  
Venha, venha me ver homem,  
venha ver como sou perfeita.  
Como bato minhas asas coloridas suavemente  
e faço de vocês, homens  
meros voyuers da minha beleza.

Venha ver  
como posso viajar  
por entre as linhas da brisa,  
espalhando minha força de ser natural  
no âmago da existência.

Venha ver como sou linda,  
pronta para brilhar e para  
me fazer presente por entre as flores.

Se eu assim fosse aquela borboleta...  
Ah, teria toda vaidade do mundo.  
Dentre todas, a única borboleta  
a ser especial assim...

Aquela sim, aquela é.  
Borboleta vaidosa...

## **Uma vez e nada mais**

Decifrei hieróglifos do amor maior,  
estive com o coração na boca,  
estabeleci normas para minha jornada,  
cavei buracos de dor,  
caminhei a andança dos desesperados,  
experimentei uma dança de morte.

Obtive a credencial dos flagelados,  
estipulei o preço a pagar,  
fui cavaleiro de sete espadas,  
calei o estupor do grito,  
morri para as minhas maldades,  
glorifiquei a distorção dos sentimentos.

Tudo isso fiz,  
em decisão a um coisa só:  
A esperança de postar-me ereto  
frente às vicissitudes da vida.

Se consegui meu intento?  
Tendo a existência por testemunha  
digo que sim...

Mas se me perguntar  
se faria tudo de novo,  
digo que não...

A vida não acredita em repetições.  
Ou fazemos uma vez  
ou nunca mais.

## **Liturgia diária do desespero**

Especialmente hoje quando estive ligando para o disque-vida,  
veio-me a vontade de morrer.

Como quem apaga um cigarro.

Como quem desliga o interruptor da luz.

Acabei matando o recepcionista do prédio.

Ele dava-me nos nervos.

Tinha que livrar-me do corpo.

Não sabia o que fazer, até que me veio a ideia.

Não tive muito trabalho em prepará-lo,  
já estava morto mesmo.

Franzi a testa e encarei-o.

Parecia um cadáver simpático.

Preparei-o para receber as pessoas na recepção

Coloquei nele um óculos de sol.

E apoiei-o numa muleta.

Era tudo que eu podia fazer.

Ele recepcionou muito bem.

E as pessoas ficaram muito satisfeitas.

Recebeu até um elogio.

Foi um sucesso.

A isto chama-se: invisibilidade de certos empregos.

## **Os esquecidos do mundo**

Os esquecidos do mundo vagueiam pelas ruas,  
enquanto a noite vem destruindo toda esperança.  
Avassaladora, ela não deixa pedra sobre pedra.

Purgatório das emoções é o meu sonhar,  
não ousa levantar a voz para o gigante,  
não ousa calar minha voz tampouco.  
Falo numa voz fraca que é para não ser ouvido,  
falo como quem não quer falar.

Ao escuro todas as baratas, ratos e vermes  
tem sua morada,  
só os esquecidos do mundo é que não tem...

## **Desconstruindo meu cotidiano**

Em vão rolo na cama tentando dormir.

O sono não vem.

Excertos de um texto antigo,  
terços rezados diariamente,  
juras de amor adolescente,  
anotações para um trabalho vindouro,  
lágrimas furtivas no meio da noite,  
folhinhas de calendário esquecidas no mês anterior.

Morro de tédio  
sempre que ligo a TV

O infinito das decepções,  
um sorriso de mulher,  
espessas camadas de indiferença,  
tipos de teclado de computador,  
música estranha na rádio,  
ideias soltas na memória.

Vou no banheiro e me olho no espelho.  
Estou ficando velho e muito cansado.

Doses de whisky,  
um amigo esquecido no tempo dos desencontros,  
estilhaços de vidro quebrado,  
uma dieta quebrada com chocolate,  
beijos numa garota de programa, ela não queria,  
cavanhaque aparado, mas continua feio.

Não posso mais continuar  
a esquecer de mim mesmo.

## Descobrimo o infinito

## **Conclusões estapafúrdias**

As conversas com aquela ninfa  
Foram noite a dentro  
Escutei boas histórias  
E contei algumas também

A cerveja acabou  
Mas eu ainda posso me arrastar até o banheiro  
Por nenhuma coisa e por ninguém  
Eu estivera remoendo fragilidades

Dezoito anos, vinte um, maioridade  
Faz tanto tempo...  
Frangalhos de memória  
Demência pura?

Estabeleci naquela noite  
Que eu teria mais duas vidas  
Após essa que estou vivendo  
Como num jogo de videogame

Numa delas, serei aviador  
Singrando os ares pelo céu  
Na outra, serei poeta  
E escreverei poemas de despedida

## **Um certo livro chamado Sidarta**

O que de valor se tira  
da falsa dicotomia  
entre cultura erudita e cultura popular?  
Existe mesmo algo de valor nesse sentido?

Catei alguns restos de pão na cozinha,  
comecei a escrever.  
Enjoei do computador  
e fui me distrair com Cecília Meireles.

Nova investida no texto.  
Leio um trecho de O Nome da Rosa.  
Ouço Mozart,  
tiro um cochilo.

A vida assim me parece  
uma resposta à ignorância  
que nos assola hoje em dia.  
Será?

Pena que o que eu faço  
não me dá nem um milímetro de vantagem

sobre quem faz o oposto da alta cultura.  
Somos todos pasteurizados pela mídia  
numa massa amorfa de cidadãos  
que não tem cidadania.

Enfim, a alta cultura  
Se é que existe algo assim,  
Não me dá direito a me achar  
superior.

Afinal, quem disse  
que essa é a melhor cultura?  
No final, estaremos todos  
dançando na boquinha da garrafa  
e eu esquecerei de ler Hermann Hesse.  
Esquecerei que para além de tudo isso,  
seja cultura erudita, seja cultura do populacho,  
existe um certo livro chamado Sidarta  
e algo como a verdadeira espiritualidade.

## **Mar da minha vida**

Doce marulho,  
tão perto e tão longe.  
Desta ponta a outra  
é a amplitude do meu coração,  
estupefato pelo sentido de ser mesmo,  
daquilo que poderia ser  
e que foi antes mesmo de ter sido.

Minha espiritualidade,  
banhada por ondas  
de desejo e gratidão  
pela vida.  
Especialmente gratidão pela  
areia da praia  
que se esvai entre meus dedos da mão.

Tão belo e tão único,  
nunca repetido, nunca em vão  
é esse momento,  
sempre em vagas,  
sempre em estações.  
Assim é o tempo.  
Como o próprio mar da minha vida...

## **Como fazer a lua escapar da noite?**

Toda falta de ar e todo desconforto noturno  
são mecanismos da mente para fazer associações  
entre o medo de ter medo e a esperança num futuro melhor.

Vou digitando “m” no meu micro-computador  
e deixo a tela transbordar de “emes” imaginários.  
Com todas aquelas perninhas, eles são centopéias?

Trafego pela estrada com meu carro quase sem gasolina.  
Se faltar agora, só no próximo posto; quilômetros...  
O que está faltando mesmo é minha memória.

Enfim, trazer do velho para o novo,  
cessar o desassossego, romper o sufocamento.  
Como fazer a lua escapar da noite?

## **Cilada filosófica**

Uma vez apareceu para mim  
um ancião muito sábio.

Perguntei a ele:

O que faria  
se soubesse o dia, a hora e o momento  
exato de quando iria morrer?

O sábio apertou os olhos longamente  
e depois disse:

Mais proveito eu teria em perguntar  
quando é que irá morrer  
a angústia nos corações dos homens.

Só para descobrir  
que a eternidade é o tempo  
das perguntas que não tem resposta.

Porque somos infinitos  
no tempo-espço do cosmos.

Apenas não sabemos disso ainda.

Eu caí em prantos quando o ouvi falar  
e perguntei-lhe se o motivo da minha emoção  
por si só, não indicava um insight de entendimento.

Ele beijou minha testa  
e desapareceu antes que eu  
tivesse tempo de secar minhas lágrimas.

## **Maravilhar-se**

Ventos tragam boas novas

Árvores dêem o fruto

Eu estou amando.

Mares levem as desesperanças

A mãe conceba o filho esperado

Eu estou amando.

Chuvas lavem o coração desencantado

A semente fecunde o solo árido

Eu estou amando.

A beleza do lírio do campo

E a singeleza do pássaro ao longe

Não me passam mais despercebidos

Meu é o teu amor

O amor à natureza

O amor ao divino

Que seja assim

Até o fim dos meus dias

Até o apagar da minha luz

## **Você**

Você é o engulho que me dá  
quando passo pelo mar.

Você é o engasgar que me acomete  
quando como apressado.

Você é o tropeção que me surpreende  
quando ando sem cuidado.

Você é a topada no pé que me dói  
quando esqueço de olhar para baixo.

Você é a mosca na sopa que cai  
quando estou a saboreá-la.

Você é a quimera das dores  
que se esgarça  
por entre as minhas pernas  
no meu pênis.

Você é o meu chafurdar na lama  
de porcos doentes no quintal.

Você é a fábula de nomes  
e datas que, infinda, jaz inerte  
quando se desfraldam  
a lista dos culpados.

Você é a liberdade vigiada  
dos presos em agonia assistida  
no cárcere da vida.

Você é o respeito morto  
pelos cadáveres de homens públicos  
que viram nomes de praça.  
Você é o roçagante andar,  
trôpego da mulher,  
depois de um estupro.

Você sou eu  
que esforça-se por ser normal,  
enquanto lances de jogadas sinistras  
são desferidos no tabuleiro de xadrez  
do Deus de barbas longas da Bíblia.

## **Só o presente pode dizer**

Se o passado já passou  
e o futuro ainda não veio;  
só o presente nos resta.

Tão simples constatação  
e tão difícil a vivência dessa realidade.  
Catei os últimos biscoitos  
do armário e os comi.  
O pão nosso de cada dia...

Quanto de mágoa do mundo  
me leva a crer numa cruz salvadora?  
Quanto de indignação com as injustiças  
me leva a continuar rezando?  
Não sei responder essas perguntas,  
assim, diretamente.

Mas sei que não vale um centavo  
o cinismo com que se trata o próximo,  
hoje em dia...  
O que isso tem a ver com fé?  
O passado já morreu, não pode responder.  
O futuro ainda não nasceu, tampouco pode falar.  
Só o presente pode dizer.

## **Sem barulho**

Testemunhas da minha reclusão,  
as páginas do livro passam nas minhas mãos,  
mas eu não me concentro na leitura.

Estou pensando em outras coisas.  
E uso o livro para me esconder  
dos outros.

O outro é sempre um desconhecido.  
Aquele que viola  
o silêncio.

Tenho terror de que me encontrem.  
Prefiro passar despercebido,  
sem barulho...

## **Pela loucura o mundo se salvará**

Um brinde a toda loucura do mundo!

Saúde. Saúde.

Tim tim

Você acha que a exposição vai ser boa?

Será, será...

Tem todas aquelas telas...

Anos de trabalho...

Sim.

Eu seria capaz de trocar minha vida inteira  
por um momento como esse

Você pode, comece a pintar

Não, eu não.

Eu deixo isso para os loucos como você

Um brinde aos loucos!

Aos loucos!

Tim tim

Minhas telas são um misto de pintura abstrata e naive.

Você é autodidata?

Sim, sou.

Bom. Não ensinam nada que preste na faculdade

Concordo.

Trabalha há bastante tempo como você disse, não é?

Sim.

Isso é maravilhoso.

Quando você vai começar?

Eu? Não, eu não.

Já disse que deixo isso com os loucos.

Os loucos pintam maravilhosamente...

À pintura dos loucos!

À pintura dos loucos!

Tim tim

E como foi que você começou a pintar?

Eu tive um sonho

Foi mesmo?

Foi.

Sonhei que me levavam de casa para um hospício.

Ah ha ha

Não ria. No sonho era bem real.

Pavoroso

Imagino...

Eu só saía de lá duas décadas depois

Vinte anos...

Vinte anos.

Eles deviam rever essa coisa de internação.

É.

À liberdade dos loucos!

À liberdade!

Tim tim

Mas porque te deu na telha de pintar?

Então, no sonho eu era o Arthur Bispo do Rosário

Nossa, que sonho...

É... pois é...

E fazia arte dentro do hospício?

Fazia todo tipo de arte lá

Acha que seria diferente o destino do Bispo

se ele não pintasse?

Ah, isso é a redenção pessoal dele

À redenção pela loucura!

À redenção pela loucura!

Tim tim

## **Tu, minha amada mídia**

Fica combinado assim:

Eu te dou toda a minha atenção,  
permito que entres na minha casa  
que trafegue por todo o meu imaginário,  
que me distraia, iludindo a minha consciência.

Deixo que todas as suas ideias sejam as minhas.  
Veja bem: Abro mão das minhas ideias e valores.  
Caio em vertiginosa estupidez ao assistir-te.  
Repito as suas músicas, os seus bordões  
e prometo não contrariar suas opiniões.

Enfim, tu serás minha guia-mestre.  
Detentora da minha lealdade  
de espectador passivo.  
Mero receptor do que tu me passas  
e reproduzidor do sistema.

Eu faço tudo isso,  
Porque te adoro.  
Eu não, digo melhor,  
tu fazes tudo isso para o meu bem.  
Afinal, eu não faço nada

Eu apenas te assisto...  
Esperando por tuas ordens.  
Sempre há o que ver e esperar  
para um repetidor como eu.  
Tu, minha amada mília.

## **O que será de nós?**

Danilo, Alex, Aléssia,

Maria, Dorina, Marcos.

Tantos nomes

e é tão pouco o sublime em nós

Mesmo que seja tão escasso

que não se veja mais.

Mesmo que seja tão difícil de encontrar

que desapareça ao vento

Carlos, Lizandra, Augusto

Dilermando, Ana, Márcia.

Tantos nomes

e é tão pouca a fé em nós.

Mesmo que seja do tamanho de

um grão de mostarda.

Mesmo que seja tão pouca

que se desfaça ao tocar.

Como morte ao encarar.

O que será de nós,

humanidade?

Seremos tragados para o abismo?

Wagner, Marta, Leonardo,

Dora, Lindolfo, Alberto.

Tantos nomes

e é tão pouca a esperança em nós

Mesmo que seja tão estreito o caminho

que não vejamos como passar

Mesmo que seja tal qual pérola

Tão bela e tão rara

## **Celebro**

Celebro o poema da poetisa

Celebro a observância do sábio

Celebro o esgar da bruxa

Celebro a luta do trabalhador

Celebro a perseverança do estudante

Celebro a persistência do iniciante

Celebro a inocência do iniciado

Celebro a indolência do rebelde

Celebro a marca do justiceiro

Celebro a verve do artista

Celebro o destino da cartomante

Celebro enfim...

Que me resta?

Se fossem poucas as indulgências necessárias

Mas nem se tem conta mais dos crimes cometidos

Apesar disso, o mundo gira

O mundo sempre girará

Celebro o arfar do coveiro

Celebro a docilidade da noiva

Celebro a maternidade da mãe

Celebro a certeza do atleta  
Celebro a fragilidade do confesso  
Celebro a destruição do soldado  
Celebro a gratidão do pedinte  
Celebro a estupidez do rico  
Celebro o primitivismo do índio  
Celebro a precisão do ourives  
Celebro a negação do acusado  
Celebro enfim...  
Que me resta?

## **Nada tiveram**

Desconcertante e imperfeitamente, eu tento respirar de volta.

Circunspecto, o meu inimigo me joga novamente na água.

A tortura mal tinha começado eu já perdera o fôlego,  
minha cabeça era jogada na água vezes seguidas.

Minha índole era de não revelar nada  
e assim eu fiz, nem meu corpo nem minha alma eles tiveram.

Nada.

(Em homenagem às vítimas de tortura da ditadura militar brasileira)

## **Dias sem fim**

Tomo meu café  
e imagino o que o dia será.  
De manhã, o café revigora  
a noite passada em jejum,  
dormindo.

Dias sem fim,  
passo por entre as frestas  
da porta.  
Trabalhando, trabalhando...  
Sempre há o que fazer.

Tomo meu café  
e imagino o que o dia será.  
De manhã, o café revigora  
a noite passada em jejum,  
dormindo.

Ad infinitum...

## **A dor do velho**

Vinte e quatro anos e uma dor de cabeça.

Tão jovem e tão desgastado.

Estive acordado em horas da madrugada

a tentar descobrir quanto

me falta para morrer.

Quase descobri, mas não tenho certeza.

Se for muito, saborearei cada momento

sem pressa de ser feliz,

cantando e dançando só quando der vontade.

Se for pouco, viverei intensamente

cada instante de alegria,

bebendo avidamente o suco da vida.

Picasso diz que é preciso muito tempo

para ser jovem.

Deixei o meu talismã pendurado.

Só vou tirá-lo de lá quando eu for jovem.

Dos dias que faltam nesse meu caminhar,

hoje é o dia.

Hoje estarei em pé diante

do meu sonho de anos a fio

E lhe direi poucas e boas  
Mas sei quando eu fiquei velho.  
Foi quando parei de sonhar.  
Foi quando morri para a vida.

Daquelas vezes tinha sido só um alento  
para continuar.  
Dessa vez não.  
Vi o que não se via.  
Compreendi o incompreensível.  
E essa dor que não passa...

## **Mais um dia começou**

A gaivota voa além do céu  
A nuvem se dispersa em suas formações  
Meu relógio-despertador toca no quarto  
Mais um dia começou

Eu olho pela janela  
E vejo os raios de sol brilhando  
Digo para mim mesmo que esse dia valerá  
Todos os dias que não tive esperança

Que esse dia será como que a redenção  
De todos os dias negros que já tive na minha vida  
Será fácil como respirar  
Será bom como é bom viver

Olho para a janela de novo e sinto  
A esperança em forma de brisa  
Uma brisa leve, suave que me alcança  
o rosto e a alma nesse dia que começou...

## **Miserando**

Estou há 5 anos na rua,  
sem família, sem amigos.  
Mas algum dia vou sair dessa,  
algum dia...

Triste e derradeiro fósforo...  
Com isso, acabou-se o cigarro.  
No frio cortante, eu procuro uma posição  
menos desconfortável.  
Em vão tento me aquecer  
no cobertor da miséria.

Podia ser pior,  
consolo dos que nada tem a fazer...  
Durmo durante umas 2 horas.  
Acordo batendo queixo  
e com os olhos cheios de remela

Daqui há algum tempo  
vou conseguir uma cachaça  
da boa, da boa...

Estou há 5 anos na rua,  
sem família, sem amigos.  
Mas algum dia vou sair dessa,  
algum dia...

## **As vagas da ilusão**

Violento, o respaldar da minha loucura  
continua a me trazer visões  
de naufragos nas embarcações  
da minha lucidez que já se foi há muito.

Passo por entre as minhas entranhas  
E vejo que estou carcomido  
Minha veia poética destruiu  
as últimas batidas do meu coração.

Estou moribundo no meu mundo louco,  
nada posso contra a correnteza  
que vem contra mim.  
Limito-me a divagar por ondas

de um mar de poesia sem sentido.  
Não vejo horizonte na minha jornada.  
Não vejo bússola no meu caminhar.  
Sou tragado pelas vagas da ilusão...

## **Minha fraqueza é minha força**

Tenho em mim o poder de mil sóis  
abrasados na forja da esperança.  
Que pena que esse poderio  
seja perdido na minha pusilanimidade.

Tenho em mim o desejo de um leão  
em caça da sua presa.  
Que pena que esse querer  
seja perdido na minha indiferença.

Tenho em mim a humildade de uma Madre Teresa  
cultivados no calor da provação.  
Que pena que essa modéstia  
Seja perdida no meu orgulho.

Do alto do meu amor-próprio,  
bem do cume do meu respeito humano  
Surge uma vontade imorredoura  
de estar em harmonia com o universo.

Não tenho culpa que esse sentimento  
seja toldado por veleidades do ego.

São elas as impurezas das quais  
a existência quis que eu fizesse parte.

São elas as torrentes com as quais  
eu busco ir junto com a correnteza.

Fazendo do meu caminhar  
um aprendizado diário.

Manejando com maestria  
a pureza da minha divindade.  
Fazendo da minha fraqueza  
a minha mais clamorosa força.

## **O vento soprou**

O vento soprou por entre as frestas do caminho

e me disse que Deus está vivo.

Então porque tanto sofrimento, tanta miséria tanta violência?

Temos o livre arbítrio, diz o repórter,

temos a escolha de nos matarmos a todos enquanto estivermos vivos.

Reclamações: dirija-se à gerência,

vulgo Eterno Juiz , Nosso Senhor, Aquele que tudo sabe.

Da vida levei apenas os bons momentos,

os males deixem-nos com os repórteres de plantão,

Sempre ávidos por uma notícia. Ruim de preferência.

Não tive desgostos no mês de abril,

mas em setembro veio-me a gripe.

Achei que a violência tinha enfim terminado no mundo

quando abri o jornal e não achei o caderno de economia.

O vento soprou e eu acreditei de novo...

## **Esperando um sinal**

De novo estou aqui  
esperando um sinal dos céus  
De novo estou aqui  
Esperando um alento, uma esperança

Em vão é a minha espera  
Nada virá do céu senão nuvens  
Nada virá do céu senão chuva  
Nada mais

A natureza é silenciosa  
Como sempre, faz o seu trabalho  
E aguarda em quietude  
Esperamos sinais porque somos intransigentes

Exigimos o comportamento duro em tudo  
Nada conseguiremos desse modo,  
A água vence o rochedo porque é fluída  
Nós só venceremos a nós mesmos se formos flexíveis

## **A vaidade do artista**

Trinta e sete anos de idade e um alento para a alma.

Tive muitos elefantes brancos no meu caminho,  
muitas pedras no meio da estrada.

Mas nenhuma como a grande estrela da vaidade,  
ela corrompe como nenhuma outra.

O artista preso a ela pensa que pode tudo,  
esquece dos amigos, esquece da família,  
esquece até da própria arte,  
só vê a si mesmo.

Meu alento é que pude me corrigir a tempo,  
ficar longe da vaidade,  
perceber que não sou eu que faço a arte,  
ver que a arte é que quer falar algo a partir de mim.  
Pensar em Deus e lembrar da vida.

## **Ode à labuta**

Bendita seja a lida do trabalhador...

Na labuta dia após dia e sem esmorecer

É assim que se conhece?

A pergunta é para Deus mas bem pode ser para o patrão:

é assim que se distingue os desígnios divinos?

Trabalhando de sol a sol?

O estertor da morte nem bem deixou o fôlego do trabalhador,

o patrão já coloca outro no lugar daquele que se foi,

sem prantos, sem aborrecimentos,

morreu acabou.

Que foi feito da ternura dos homens?

Existiu alguma vez em algum tempo?

Bendita seja a lida do trabalhador...

## **Nossos irmãos**

Destruição, morte,  
assassinato, crime,  
execução, danação...  
Injúria, ódio,  
inveja, desmoralização  
cobiça, estupidez...

Tanta coisa ruim foi feita em nome do Pai  
que não me surpreenderia se o seu Filho voltasse  
e não reconhecesse nenhum dos que aqui estão.  
Estaria ele certo,  
como certo está o Espírito Santo de não  
vir para nenhum de nós.

O Pai, o Filho e o Espírito Santo.  
São todos emblemas sem significado  
para essa gente de meu Deus...  
Que vai e que vem  
sem saber por onde  
nem porquê.

Se eles fossem  
qualquer um.

Estaria eu feliz  
e não me preocuparia  
Mas não...  
Vê o rosto, são como nós, eu e você

Somos nós.  
Somos muitos.  
Mas somos um só.  
E no entanto,  
quanta diferença entre nós,  
quanta maldade entre nós

Só a desgraça faz morada entre  
os nossos irmãos  
São nossos irmãos?  
São...  
E o que é de surpreender:  
são nossos irmãos...

## **É tarde da noite**

É tarde da noite quando eu penso em parar,  
tudo insiste em ser fugaz  
e eu insisto em ser lento...

Esperando o avatar da era de aquário,  
deixando os esoterismos falarem mais alto.  
Mais alto do que a esoterologia, mais alto que o hermetismo.

Ó luz soturna, me leve de volta a meu recanto  
de águas profundas,  
de trajetórias de idílio.

Que eu pese todo penar com a inspiração da lua cheia.  
Que eu pese todo caminhar com a serenidade da brisa noturna.  
Que eu pese toda lembrança com a calma da escuridão.

## **Parece**

De noite no frio

peessoas dormem ao relento.

Às vezes me preocupo comigo mesmo

para não dizer o tempo inteiro.

Quando o dia nasce, as máquinas-máquinas

e as máquinas-homens voltam a funcionar,

em uníssonos trabalham pelo Deus-Capital.

A vida assim parece toda no seu lugar...

## Poema da despedida

A despeito das aparências,  
ela não estava vindo, mas indo  
e eu não estava a recebendo, mas me despedindo.

O passado fez a curva na esquina e não voltou.  
Temeu-se pela transparência do que estava por vir,  
mas é injustificado esse temor.

Afinal, agora teremos tempo  
de amar a todos indiscriminadamente.  
Já que o tempo do passado já passou.  
Já que o tempo do hoje começou.  
Já que o tempo do futuro se avizinha.

Escurecidos, os cílios pintados dela  
me olham como nunca tivessem olhado,  
mas eu não olho de volta.  
Esse tempo já passou...  
Agora o hoje está mais presente.

Nada mais é preciso fazer, tudo é deixado.  
E é tempo de ir embora.  
É tempo de partir...

**Mauricio Duarte** é escritor, poeta e artista visual.